

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Máscara de Ferro

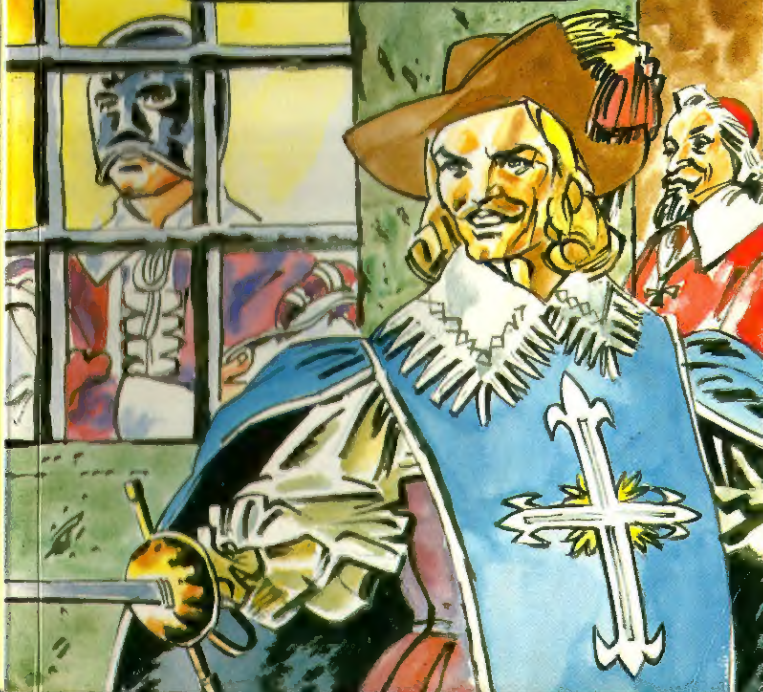
Alexandre Dumas



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

O Máscara de Ferro

Alexandre Dumas



Clásicos Juvenis
Ilustrados

Alexandre Dumas

O Máscara de Ferro

Clássicos Juvenis
Ilustrados

EDITORIAL  PUBLICA

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Os Três Mosqueteiros

Alexandre Dumas

EDITORIAL  PUBLICA

Alexandre Dumas

O Máscara de Ferro

Adaptação
NAUNERLE FARR

Ilustração
FRANK REDONDO

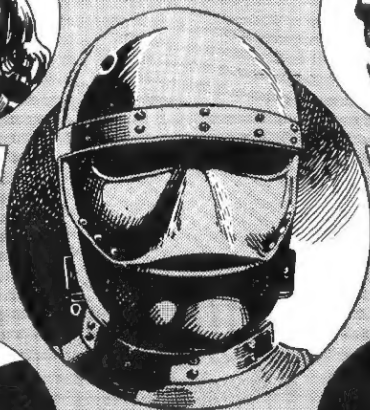
Produção
VINCENT FAGO



Luís XIV



Aramis



O Máscara de Ferro



D'Artagnan



Ana de Áustria

D'Artagnan, Aramis, Porthos e Athos estavam sempre unidos, e unidos lutavam. Os quatro mosqueteiros partilharam muitas aventuras, mas nenhuma foi tão estranha como a que envolveu o homem da máscara de ferro.*

Quem era este prisioneiro que acabou os seus dias numa ilha solitária? Por que lhe esconderam para sempre o rosto atrás de uma máscara de ferro?



Em todas as suas aventuras não havia dúvida de como os mosqueteiros eram leais uns aos outros.

**UM POR TODOS,
TODOS POR UM!**



Anos depois, um segredo terrível, que pôs em perigo o trono de França, levou os quatro amigos a tomar partidos diferentes.

Ide, meus bons amigos. Cavalgai depressa e fugi! Dentro em pouco o Rei mandar-vos-á perseguir.



D'Artagnan era o Capitão dos mosqueteiros do Rei. Ele conhecia o segredo e o Rei, Luís XIV, ordenou-lhe que escondesse o rosto do prisioneiro para sempre.



Esta história começa numa noite de Verão, em 1661, quando Aramis foi à Bastilha, a prisão do Estado, para ouvir a confissão de um prisioneiro. Outrora mosqueteiro, Aramis era agora Bispo de Vannes.

O governador da prisão foi com ele até à cela.*



Deveis ir, Baisemeaux! Não podeis ouvir a confissão do preso.

Só, Aramis entrou e olhou para o jovem prisioneiro.

Estais doente? É por isso que me haveis chamado?

Sim...



Não. Encontrastes um bilhete no pão que vos dizia que pedísseis quem ouvisse a vossa confissão. Fui eu quem o pôs lá!



Sois, então, vós que tendes um importante segredo a contar-me? Escuto-vos.



O meu segredo é tão importante que se o Rei soubesse que eu estava aqui, amanhã mandaria matar-me!

* aquele que tem a seu cargo o governo da prisão

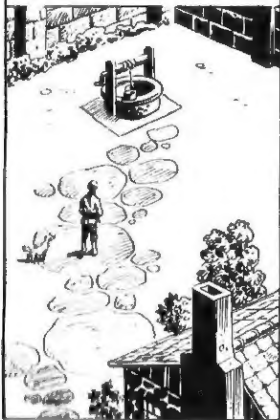
Escuto-vos.
Mas quem
sois vós?

Nós somos velhos
amigos. Não vos
recordais de me ver na
casa onde passastes a
vossa infância? Eu era o
cavaleiro e havia uma
senhora que vestia de
seda preta...

Já me lembro! Essa
mulher era minha ama.



A casa onde vivia e o
jardim de onde nunca
saía — eram tudo o que
eu conhecia...



Eu não acreditava que ficaria ali para
sempre porque me treinavam para ser
cavaleiro! Tinha lições...



Basta de
aritmética!
Vamos à
astronomia*...



* arte ou desporto praticado com uma espada, sabre ou florete

** palavra francesa usada em esgrima para mostrar que se marcou um ponto



Acalmai-vos!
Dizei, o que se
passa?

A última carta da
Rainha! Uma lufada
de vento atirou-a para
dentro do poço!

A Rainha queima todas as
suas cartas sempre que aqui
vem. Não será a mesma
coisa?

Mas ela não vai acreditar em mim!
Vai pensar que eu quis guardá-la.
Ela é muito desconfiada em tudo
o que se relaciona com Filipe.



O meu nome era Filipe e o
que ouvira pusera-me a
cabeça à roda.

O meu professor recebe
cartas da Rainha?



E a senhora
que vem
visitar-me
todos os
meses... é a
Rainha!

Perronnette e o professor partiram imediatamente para a aldeia.

Vinde! Temos de pedir a alguém uma escada comprida! Temos de tirar a carta do poço.



Mas eu tinha outros planos.



Estou a ver a carta. Está lá muito em baixo, a flutuar sobre a água!



Baixei a corda e o balde até perto da água. E depois deslizei.

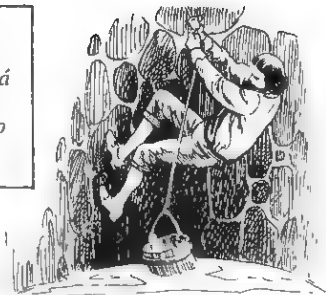


Vi o céu desaparecer lá em cima. Sentia-me tonto e com medo.

Saltei para dentro de água, sempre agarrado à corda com uma mão e peguei na carta.



Meti-a na camisa e lá consegui trepar pelo poço.



Ouvi alguém que se aproximava. Mal tive tempo de me esconder entre os arbustos.



Estou a ver que o meu professor é um fidalgo. E Perronnette é muito mais do que uma ama.

E eu... eu próprio devo ser de descendência real. Afinal, a Rainha, Ana de Áustria, parece preocupar-se com o que me acontece!



Excitado e encharcado por ter estado dentro do poço, fiquei com uma febre muito alta. Enquanto delirava, contei a minha aventura. O meu professor encontrou a carta debaixo da minha almofada.

Aqui está a carta.
Tenho de escrever
à Rainha sobre isto.
Não me atrevo a
fazer segredo!

Que será
de Filipe?
E de nós?



Pouco depois disto,
fostes preso e trazido
para a Bastilha. Isso já
foi há 8 anos.

E aqui
continuo. A
minha ama e
o professor
desaparece-
ram. Sabeis
que é feito
deles?



Morreram.
Foram
envenenados.

Devo ter um inimigo
poderoso! Quem mais
seria capaz de mandar
prender uma criança e
matar duas criaturas
tão boas?



Parece que a
minha simples
existência é um
perigo para
alguém!

Tendes razão.
E quero fazer-vos
mais uma
pergunta.





Os espelhos mostram-vos o presente — e o vosso rosto. A História conta-vos o passado. Não conheceis nem um nem outro! Tenho de contar-vos o que aconteceu em França desde o vosso nascimento.



Luís XIII reinou numa época agitada. Durante anos não teve herdeiro. Até que, a 5 de Setembro de 1638, sua mulher, Ana de Áustria, deu à luz um filho.



A corte ficou feliz
com a notícia.
E o Rei veio
mostrar a
criança ao povo.



Viva o Rei!
Viva o novo
Príncipe!

V V V

Mas enquanto o Rei estava lá fora, a
Rainha, acompanhada apenas pela
parteira, deu à luz um segundo
filho.

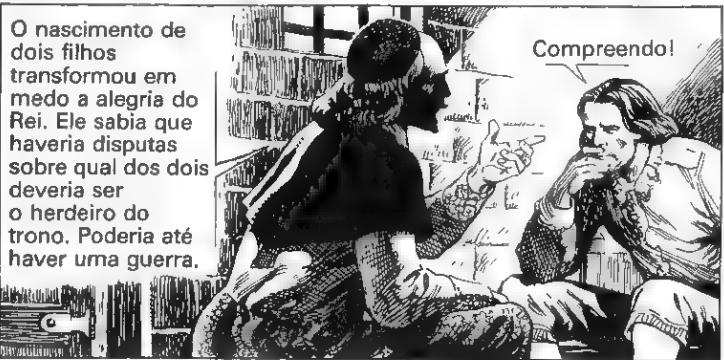


Dame Perronnette era a
parteira. Apressou-se a ir dar a
notícia ao Rei.



Vou imediatamente!

O nascimento de
dois filhos
transformou em
medo a alegria do
Rei. Ele sabia que
haveria disputas
sobre qual dos dois
deveria ser
o herdeiro do
trono. Poderia até
haver uma guerra.



Compreendo!

Para evitar que isso acontecesse o segundo filho foi afastado e educado em segredo. Em França, ninguém, a não ser a sua mãe, sabe que ele nasceu!

A sua mãe — e vós, senhor!

E se sois o homem que eu penso, tendes um retrato desse primeiro filho — aquele que, agora, ocupa o trono!

Aqui está.

É este, então.

E aqui tendes um espelho. Vede!

Qual é o Rei?
O do retrato
ou do
espelho?

O Rei é o que
está no trono,
não o que está
na prisão — é
aquele que
tem poder!



Contastes-me isto apenas para me
entristecer? Eu não preciso de ser
rei para ser feliz! Basta-me ser livre
e poder gozar a natureza...



Quem estiver no trono
tem poder e eu posso
pôr-vos no trono.



A menos que recuseis,
é isso que farei! E será
para bem do povo de
França!

O vosso irmão
ocupará o vosso
lugar na prisão.



Não me voltareis a
ver a não ser para
vos tirar daqui. Até
lá, Majestade!

Aramis deixou a cela.
Daí a pouco,
despedia-se do
governador da
Bastilha.

Adeus,
velho
amigo!

Em breve,
voltaremos
a ver-nos!

Pouco depois, Aramis foi à loja de M.*
Percerin, que fazia as vestes do Rei. Cá fora
encontrou os seus amigos.

Ah! D'Artagnan
e Porthos!

Então, meu amigo,
vais fazer fatos novos
para a festa no
castelo de Vaux.

Um pobre bispo não tem
dinheiro para comprar
roupas. Vim fazer um
recado.

Porthos tem trinta e
seis fatos novos —
mas nenhum serve
para a grande festa!

Lá dentro
conversaram com
M. Percerin.

Claro que sabeis da
festa de Vaux, que
M. Fouquet dá em
honra do Rei.

Se sei! Todos os homens
importantes do reino vêm
comprar-me roupas
novas! Eu próprio estou a
fazer cinco fatos novos
para o Rei.



Fouquet, que dava a festa, era o Ministro das Finanças. No desempenho do cargo tornara-se o homem mais rico de França. O jovem Rei não confiava nele.

Chegou mesmo a falar nisso a sua mãe, Ana de Áustria.



Fouquet gastou uma fortuna para construir o castelo de Vaux. Pedi a Colbert que verificasse as contas!

A festa em tua honra vai ser maravilhosa! Espera para depois disso.

Entretanto, e depois de sair da loja de tecidos, Aramis foi falar com Fouquet.

Meu amigo, todos falam da grande festa!

Sim, ela aproxima-se e o meu dinheiro foge!



Foi por isso que vim aqui! Tereis milhões no dia seguinte à vinda do Rei a Vaux! Confiai em mim!



Preciso de vós uma ordem secreta para libertar um prisioneiro da Bastilha.

E quem é ele?



Um pobre rapaz chamado Seldon. Está preso há 10 anos por causa de dois poemas que escreveu.

Dez anos? Vou dar ordem para que o libertem.



Era a hora do jantar quando Aramis chegou à Bastilha.

Esta noite pareceis o velho mosqueteiro que fostes.

Entre amigos gosto de ser eu próprio.



Isto é uma festa,
Baisemeaux! Quero
embebedar-me esta
noite. Bebamos!

Bravo!



Mas foi Baisemeaux quem
despejou a taça de uma só vez.



Uma hora
depois, um
criado trouxe a
quinta garrafa
de vinho.



Que barulho
é este?

Qual
barulho?

Acaba de
chegar um
mensageiro.

Diz-lhe que se vá
embora! Falo com
ele amanhã!



Uma ordem assinada
pelo Rei? Creio que
deveis ocupar-vos
dela agora!

Mas as ordens
que chegam a
meio do jantar...
Oh, muito bem.
Manda-o entrar!



A ordem foi trazida a Baisemeaux.



Uma ordem
com a indicação
de «Urgente».
Um homem
deve ser
libertado
imediatamente!

Estamos a
jantar!
Amanhã de
manhã trato
disso!

Embora calce
botas hoje,
continuo a ser
um padre. Pensai
no pobre homem
e deixai-o partir
agora!



Oh, muito
bem... se
assim o
desejais!

Sereis
recompensado
por isto!



*Quando Baisemeaux se afastou
para chamar os guardas, Aramis
trocou o papel por outro que ele
trouxera.*





Vai abrir a cela do
prisioneiro
Seldon.

Dissestes Seldon?
Não querieis dizer
Marchiali?



Sim, Marchiali...
não, não, Seldon!



Eu li Seldon,
escrito em letras
deste tamanho!



E eu li Marchiali,
escrito em letras
deste tamanho!



Vede! Lede
o papel!

É claro que diz Marchiali.
É o jovem que viestes ouvir
em confissão.

Cumpri as ordens!
Mandai os vossos
homens trazer
aqui o prisioneiro!

Sim...
sim...



*Baisemeaux estava confuso, mas
deu as ordens. O prisioneiro foi
trazido à sala.*



Deveis jurar nunca
contar nada
do que vistes
e ouvistes
na Bastilha.

Então, Aramis saiu
da sombra.

Agora que estais
livre, para onde ireis
a esta hora?

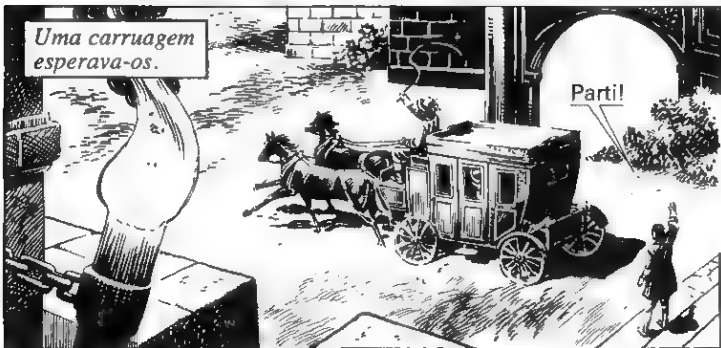


Estou aqui para
ajudar este homem
no que ele precisar.

Deus lhe pague,
senhor!



Uma carruagem
esperava-os.



Parti!

Um oficial seguia à frente para os ajudar a passar as barreiras.*

Abri e deixai-os
passar!



*Passada a última
barreira, os cavalos
apressaram o passo e
correram pelas ruas
da cidade. Pouco
depois, já galopavam
pelo campo.
Finalmente, pararam
no meio de uma
floresta.*

Temos de falar.
Quereis ficar na
carruagem?



Sim, gosto de
estar aqui. Ela
ajudou a
libertar-me!

*Aramis fez um sinal ao cocheiro, que os
conduziu para fora da estrada.*



O cocheiro é
surdo-mudo.
Levar-nos-á para fora
da estrada para que
ninguém nos veja.

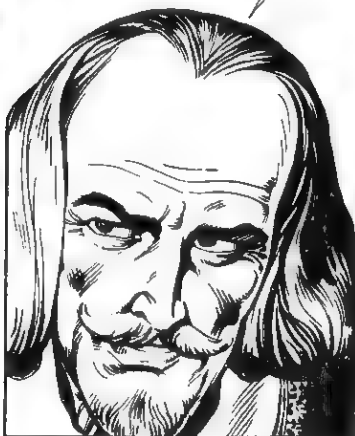
* lugar destinado ao controlo da circulação de veículos, pessoas, etc

Ali, no escuro, os dois homens olharam-se de frente.

Dizei-me com sinceridade, quem sou eu hoje e quem serei amanhã?



Sois tal e qual o vosso irmão. E isso que tanto mal vos trouxe pode ser a causa do vosso triunfo!



Sois o filho de Luís XIII, irmão de Luís XIV, que é herdeiro do trono de França.

Depois de amanhã, sentar-vos-eis no seu trono e ele ocupará o vosso lugar na prisão.



Mas o Rei falará. Alguém verá que eu não sou Luís!

Se vos parecerdes e agirdes como o Rei, ninguém notará! Não há perigo, apenas obstáculos.



Sim, e um deles é eu não ter a certeza de estar a agir bem.

Alteza, sinceramente
desejo ver-vos feliz.
Sei de um lugar
secreto onde podeis
viver em segurança.



Podereis caçar,
pescar e gozar o
sol e o ar puro.
Podereis viver
em paz.

Tendes aqui dinheiro
suficiente para as
vossas necessidades.
Tomai-o... se é isso
que quereis!



Antes de decidir,
deixai-me passear e
pensar. Só vos peço dez
minutos.



Como desejardes.



Aramis observou o jovem que
voltava a pisar a terra ao fim de
tanto tempo.



Poder respirar
esta brisa
perfumada...
Para quê pedir
mais?

Depois, pareceu rezar.



Senhor,
ajudai-me e
guiai-me!

Por fim, voltou-se para Aramis.

Dirijamo-nos
para onde se
encontra a
coroa de
França!

Sereis um
grande Rei!



Quando será
isso?

Em breve.
Estudastes
as notas que
vos dei?



Já as sei de cor. A minha mãe, os
outros membros da família, os
meus ministros — como são e
como agem.

Muito
bem!



Sei que Colbert é inimigo de
M. Fouquet e que este é vosso
amigo. Que quereis que faça por
ele?

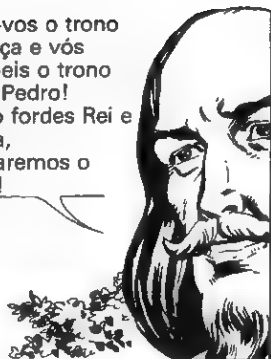


Fouquet é um bom homem.
Depois de pagardes as suas
dívidas, ele abandonará o
Governo.

Nessa altura,
eu serei o
vosso
primeiro-
ministro.

Primeiro-ministro
e amigo! Sois o
meu único amigo!
Que desejais para
vós?

Eu dou-vos o trono
de França e vós
dar-me-eis o trono
de São Pedro!
Quando fordes Rei e
eu Papa,
governaremos o
mundo!



E o meu irmão
deixará o trono
para sempre?

Levá-lo-emos da cama
enquanto estiver a dormir.
Deitar-se-á Rei e acordará
prisioneiro! E vós reinareis a
partir desse momento!



Juro-vos,
senhor.

Permiti que ajoelhe
perante vós.

*Voltaram os
dois para a
carruagem que
rolou,
rapidamente,
em direcção ao
castelo de
Vaux.*



Mais tarde, nesse mesmo dia, no castelo todos aguardavam a chegada do Rei. Lebrun, o pintor, dava os últimos retoques no retrato do Rei.



A única maneira de expressar a minha alegria será abraçando-vos!



Foi um momento feliz para o pintor, mas infeliz para M. Percerin, que fizera o fato de Fouquet.

M. Fouquet, estragastes as belas roupas que vos fiz. Estão todas sujas de tinta!



De repente, entrou um criado a correr.

Vem aí o Rei e o seu cortejo. Já se vêem do alto da casa.



Dentro de uma hora estarão aqui.

Dentro de uma hora!



E o povo ainda pergunta para que são estas festas!

Infelizmente, eu próprio pergunto a mesma coisa.



Responder-vos-ei dentro de 24 horas! Será um dia a festejar!

O cortejo do Rei
aproximava-se.

O Rei não me tem
grande amor, nem eu
o estimo muito. Mas...

Mas o
quê?

Agora que se
dirige para cá,
sinto-o uma
pessoa muito
querida.

Não deveis
pensar assim.

Se ele quisesse,
eu era capaz de
estimá-lo.

A propósito,
em que
quarto
ficais?

No quarto azul,
no segundo
andar.

O quarto por cima do do Rei?
Mal vos podereis mexer com
medo de o incomodar!



Durante a noite
ou durmo ou
leio, já deitado.



E os vossos
criados?



Só trouxe um
cornigo. Não vos
aflijais! Vamos
vestir-nos para
receber o Rei!



Às 7 horas
da tarde
chegou o
Rei.



Majestade, eu
e a minha casa
sentimo-nos
honrados!

Foi servido um grande banquete
em pratos de ouro.



Senhor, é
impossível
jantar-se melhor!

Mas, de repente,
o Rei ficou triste.



Uma só das
taças de ouro
de Fouquet
é mais cara do
que o melhor
vinho que
posso comprar!

A casa de Fouquet é mais
imponente, a sua mobília mais
elegante, e, no entanto,
eu sou o Rei de França!



Mais tarde, Fouquet
acompanhou o Rei ao
seu quarto, o maior e o
mais bonito de todos.



Lebrun pintou no tecto as
coisas com que sonhamos.
Encontrareis aí coisas alegres
e tristes.

Sim, sim,
estou a ver.

De repente, o
Rei pareceu
ser percorrido
por um
arrepio e ficou
muito pálido.

Majestade?
Estais doente?

Tenho sono,
mais nada.



Quereis que chame os vossos criados?

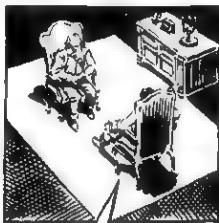
Não. Mas disse a Colbert que quero falar-lhe.

Fouquet fez uma vénia e saiu. No quarto de cima, d'Artagnan, Capitão da guarda real, conversava com os seus velhos amigos, Aramis e Porthos.

E cá estamos nós em Vaux. Agrada-te?

Muito. E também gosto de Fouquet.

Mas algo me diz que tens um plano secreto.



Se o teu plano é apenas ajudar Fouquet a defender-se contra Colbert, ajudo-te!

Mas algo me diz, e não creio enganar-me, que estás a conspirar contra o Rei!

Estás louco! Como poderia fazer mal ao Rei? Tens contigo os mosqueteiros!

Sim. Mas, meu amigo, diz-me que estou enganado.



Eu nunca poderia fazer mal ao verdadeiro Rei de França. Amanhã será o dia mais bonito da sua vida!



Obrigado, meu amigo! Tenho de ir cumprir o meu dever nos aposentos do Rei.

Leva o Porthos contigo. Ele ressona como um canhão!



Boa noite, meus amigos. Daqui a 10 minutos estarei a dormir profundamente!

Mal eles saíram, Aramis
trancou a porta e correu as
cortinas.

Monseigneur*!
Monseigneur!



Filipe saiu do seu esconderijo.

Então aquele
era d'Artagnan!
Ele pensa que
preparais
alguma.

E é fiel
como um
cão.



Se ele não vos vir antes do outro
desaparecer, podeis contar com
d'Artagnan para toda a vida!

Que fazemos
agora?



Tomareis o
vosso lugar e
observareis
como o Rei se
deita. Tendes
de aprender a
cerimónia.

Muito
bem.



* palavra francesa que designa o título dado às pessoas de nascimento nobre

Afastarei uma parte do soalho. Visto do quarto do Rei parece uma das janelas falsas pintadas no tecto. Estais a ver?



Sim. Vejo o Rei e Colbert, também.

Lá em cima ouviam os dois homens falar.

Fouquet deu-me um jantar demasiado bom! Onde arranja ele o dinheiro para isso?

No Tesouro* de França, Majestade!



Podeis prová-lo?

Facilmente, até ao último centavo!



Deixai-me. Vou deitar-me. De manhã decidirei o que fazer.

Muito bem, Majestade.



Colbert mente! Observai com atenção como vos deveis deitar todas as noites.



* o conjunto do dinheiro pertencente a um país

No dia seguinte, houve um espectáculo em honra do Rei. Para encerrar, houve fogo de artifício.

Maravilhoso!

Fantástico!

Bravo!

Mas o Rei estava mais zangado e triste do que nunca. Foi para o seu quarto e mandou chamar d'Artagnan.

Chamai os guardas.
Prendei Fouquet!

Prender M. Fouquet? Na sua própria casa? Enquanto vós estais debaixo do seu tecto?

Ele é um homem que gastou muito dinheiro para vos agradar! E vós quereis prendê-lo?

Odeio-o!
Mas não vou prendê-lo já.

Mantende-o sob guarda esta noite. Voltai de manhã para receber novas ordens. Deixai-me!

Como desejardes, Majestade.

Só, o Rei começou a andar de um lado para o outro zangado.



Odeio-o! Amanhã irá para a prisão. Então, todos dirão que sou maior do que ele!

Depois, quase a chorar, o Rei atirou-se para cima da cama.



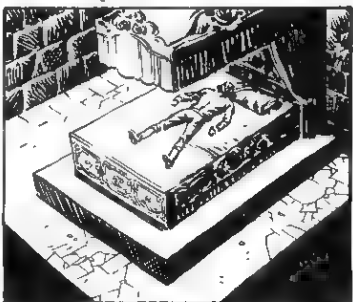
Por fim, já exausto, adormeceu. Em sonhos parecia-lhe ver uma cara que o observava do tecto. Era como se o seu rosto se reflectisse num espelho.



Então, o tecto pareceu afastar-se e a cama começou a afundar-se.



A luz do quarto enfraqueceu. O ar arrefeceu.



Então, o sonho tornou-se num pesadelo.

Não passa de um sonho! Vamos, acorda!



Mas os seus olhos estavam abertos. Pôs-se de pé e sentiu o chão húmido.

Quem sois? Que brincadeira é esta?

Não é uma brincadeira.



Sois um criado de M. Fouquet?

Isso não importa. O que importa é que agora somos vossos amos. Segui-nos!



Obrigaram o Rei a acompanhá-los através de uma longa passagem subterrânea.

Para onde me levais?

Em breve sabereis!

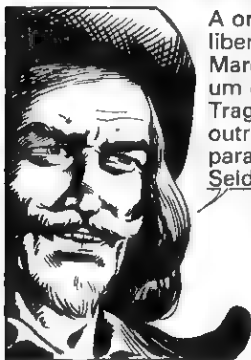




A carruagem tomou o caminho de Paris. Chegou à Bastilha por volta das 3 da manhã.



Baisemeaux apareceu logo.



E quanto a Marchiali?



O pobre coitado é parecido com o Rei. A sua primeira atitude foi vestir-se como ele e fingir que era o Rei!

Deus do céu!



Ele é louco, claro. E o Rei ficou muito zangado. Por isso, lembrai-vos, Baisemeaux, que sereis condenado à morte se deixardes que ele receba alguém que não seja eu ou o Rei!



Depois, foram buscar o prisioneiro. Aramis voltou a pôr a sua máscara.

Se ele falar, disparai logo!

Sim, senhor.



E assim, sem dizer uma palavra, o Rei foi fechado na cela onde Filipe passara oito longos anos.

Ele é um pouco parecido com o Rei, mas não tanto como dissestes!



Pouco depois, Porthos e Aramis dirigiram-se para Vaux.

Baisemeaux foi tomar o pequeno-almoço. E o jovem Rei achou-se prisioneiro na Bastilha.

Estarei morto? Isto será o inferno? Será um pesadelo?



Um ruído chamou a sua atenção.



Um rato! Um rato enorme!



Prisioneiro? Eu estou preso na Bastilha!?

É uma conspiração! Fouquet está a conspirar contra mim! Tenho de chamar alguém — mas não há nenhuma campanha!

O governador! Trazei-me o governador!



Gritou durante uma hora, mas ninguém apareceu. Pegou numa cadeira e atirou-a contra a porta.

Socorro!
Ajudai-me!



Então, ouviram-se gritos vindos de fora.

Cala-te! Pára!
Estás a incomodar-nos!



Os outros prisioneiros... São pessoas que eu mandei para aqui sem nunca pensar no seu sofrimento!

Deverei rezar? Como posso pedir a liberdade que tantas vezes recusei ao meu próximo?



O carcereiro* entrou com comida.

Sempre fostes calmo! E agora partes uma cadeira e fazes tanto barulho! Se não te acalmares, faço queixa ao governador.

Eu quero falar com ele!



Estás outra vez com um olhar furioso! Vou levar a faca contigo!

Eu tenho de falar com o governador!



O carcereiro saiu e o Rei sentiu-se mais só do que nunca. Atirou com o prato à janela.



Mas não ouviu nenhum som em resposta. Tornou-se um homem louco, com ataques de fúria. Ele já não era Rei, nem cavaleiro, nem sequer uma pessoa.

O Rei — eu sou o Rei! Tenho de falar com o governador!



Entretanto, Filipe estava deitado na cama do Rei em Vaux.

Eu sou Filipe, filho e herdeiro de Luís XIII. Eu sou o Rei!





Ao amanhecer, alguém se esgueirou para os aposentos do Rei.

Como correu, senhor?

Tal como pensáramos. Um êxito total!



D'Artagnan passara a noite no quarto de Fouquet. Agora, batia à porta do Rei.

Deve ser d'Artagnan para vir receber ordens. Vamos começar o ataque!

Seria um erro fatal!



Se ele entrar no quarto agora, perceberá que algo se passou! Eu ocupo-me dele.



Aramis! Que fazes aí?

Bom dia, meu amigo. O Rei não quer receber ninguém por enquanto.



Mas ele pediu-me que viesse de manhã.

Mais tarde, mais tarde!

Aqui tens a ordem do Rei para libertar Fouquet. Eu acompanho-te.

Ah! Eu mostro-te o caminho.



Preocupado, Fouquet aguardava no seu quarto.

Ah, trouxestes-me o bispo!

E algo melhor ainda. Estais livre, por ordem do Rei!



Ah, muito obrigado!

Quero fazer uma pergunta ao senhor bispo. Como te tornaste tão amigo do Rei? Durante a tua vida não lhe falaste mais de duas vezes.



Falei com ele mais de cem. Mas mantivemos isso em segredo!



E o Rei é vosso amigo como nunca, Fouquet. A vossa festa sensibilizou-o muito!

D'Artagnan saiu. Fouquet fechou logo a porta e voltou-se para Aramis.

Que se está a passar? Dizei-me!



Primeiro, ficai a saber que o Rei vos acha ladrão e traidor. Ele é vosso inimigo!

O facto vem do nascimento de Luís XIV. Estais lembrado?

Como se fosse ontem.



Debaixo do meu tecto! Um crime tal contra o meu convidado, o meu Rei! Estou desgraçado!



O vosso Rei planeava prender-vos!



Então por que me libertou?

Porque partilhamos um segredo tão grande que eu sou o seu único amigo. Ele fará o que eu quiser!

Então Aramis contou a Fouquet toda a história da conspiração.

Tirastes o Rei do trono?
Fizeste-o prisioneiro?
Isso passou-se aqui?

Aqui em Vaux...
ontem à noite!



Podeis ter agido para meu bem, mas preferia morrer a deixar isto acontecer!



Vou ter com o Rei! Deveis deixar Vaux e sair de França! Dou-vos quatro horas para escapar ao Rei!

Mas...



Com o coração despedaçado, Aramis seguiu Fouquet por uma escada secreta até ao pátio. Viu a carruagem de Fouquet partir a galope.



Deverei avisar o Príncipe — levá-lo comigo? Seguir-se-ia uma guerra civil*. Não, ele era prisioneiro e eu deixarei que ele continue assim.

Aramis foi ter com Porthos. Depois de se despedirem de d'Artagnan, partiram.

Noutra ocasião talvez tentasse evitar que Aramis e Porthos fugissem. Mas agora tenho outros assuntos a tratar.



* guerra travada entre pessoas do mesmo país



O vosso mais leal compatriota. Como deveis ter sofrido! Vinde, estais livre!



Rapidamente, Fouquet contou ao Rei a conspiração. Disse-lhe ainda que o organizador fora o Bispo de Vannes e que os participantes se encontravam em Vaux.

Vamos já para lá! Eles serão aprisionados e condenados à morte!

Mas, Majestade, não podeis matar o vosso irmão!



Acreditais que ele é meu irmão? É mais um truque do Bispo de Vannes!



Mas se chegar aos ouvidos do povo, pode ser uma grande vergonha para o trono.

Veremos. Vinde. Pararei só para mudar de roupa.



E foram-se embora, deixando o confuso Baisemeaux com uma ordem para libertar o prisioneiro. Assinada pelo próprio prisioneiro!

Assinado, Luís!



Em Vaux, Filipe continuava a desempenhar o papel de Rei.



A sua mãe entrou.



O meu irmão adora-a. Tentarei amá-la também.



Pegou na sua mão e beijou-a.

Neste momento, perdoo-lhe os meus oito anos de sofrimento.



Ficai comigo, mãe. Pretendo que façais as pazes com M. Fouquet.



Eu não tenho nada contra M. Fouquet!



Mas quando Aramis não apareceu, Filipe começou a afligir-se.

Onde está o Bispo de Vannes, vosso amigo?

Não sei, Majestade.



De repente, ouviu-se uma voz do lado de fora.

Que barulho é este?

É a voz de M. Fouquet!



A porta abriu-se. Mas não foi só Fouquet quem entrou.

Ohhhhhhhh...



Luís e Filipe estavam vestidos da mesma maneira. A um e outro parecia que se estavam a ver ao espelho. A Rainha gritou como se tivesse visto um fantasma.

Luis pensava que, quando aparecesse, todos saberiam que ele era o Rei. Mas ninguém se mexeu.

Minha mãe, eu não sou o vosso Rei?



Então Filipe mexeu-se.

Minha mãe, eu não sou vosso filho?



Ana de Áustria deixou-se cair numa cadeira. Luis voltou-se para o surpreso d'Artagnan.



Ajundai-me, mosqueteiro! Olhai para nós e dizei qual dos dois é mais pálido! O mais pálido é certamente o que tem estado preso.

D'Artagnan dirigiu-se a Filipe.

Senhor, sois meu prisioneiro!



Filipe olhou para o Rei. Talvez Luís lamentasse o passado do irmão, pois abandonou imediatamente a sala.



Então, Filipe falou com suavidade à Rainha.

Se eu não fosse vosso filho, odiar-vos-ia minha mãe, por me terdes feito tão infeliz!



Perdoai-me, Monseigneur. Mas eu sou um mosqueteiro e sou leal ao Rei.

Obrigado, d'Artagnan. Acompanhar-vos-ei.



Quando d'Artagnan estava prestes a sair com o prisioneiro, foi-lhe entregue uma ordem do Rei. Leu-a e amarrotou-a revoltado.

Que é isto?

Lede, Monseigneur.

Ordem
D'Artagnan levará o prisioneiro para a ilha de Ste. Marguerite. Cobrir-lhe-á o rosto com uma máscara de ferro, que o prisioneiro não tirará, sob pena de morte.
Luís



É justo.
Estou pronto.

Aramis tinha razão.
Este é tão Rei
como o outro!



Talvez
mais
ainda!

Algumas noites depois, numa região solitária da costa de França, um estranho aproximou-se da cabana de um pescador.

Quero que me leves e a esta
mala no teu barco, até à ilha St.
Honorat. Tenho de partir esta
noite — e depressa!



De bom grado
vos levarei,
mas a mala,
não! É muito
grande!



Levas a mala também. É uma
ordem do Rei!

Se tem
de ser...



E partiram. Pelo caminho, d'Artagnan deu novas ordens.

Desembarca-me aqui em Ste. Marguerite.

Eu sou um marinheiro. Conheço a rota. Dissestes St. Honorat e é para lá que iremos!



Então os marinheiros pegaram nos machadinhos. D'Artagnan desembainhou a espada.

Ele maneja a espada bem demais. Não podemos chegar-nos a ele.

Mas posso atirar-lhe o machado à cabeça!



Subitamente a mala abriu-se e de dentro saiu uma figura assustadora.

Cuidado! É o demónio!

Ah, estais aí, Monseigneur!

Fujamos! A costa está perto.



E assim, o barco chegou à ilha de Ste. Marguerite.

Ele é um prisioneiro político. Não deve ser visto por ninguém, o seu rosto deve estar sempre tapado com a máscara, sob pena de morte. Esta é a ordem do Rei!

Compreendo!



Dias depois, d'Artagnan foi chamado a Paris por ordem do Rei. Ao abandonar a ilha olhou para trás para ver, pela última vez, o homem da máscara de ferro.

É verdadeiramente um homem infeliz!



PERGUNTAS

1. Como passou o prisioneiro a sua infância? Porquê?
2. Por que queria Aramis, que se tornara Bispo de Vannes, libertar o prisioneiro e fazê-lo Rei?
3. Quem era o prisioneiro e por que tinha de passar a vida na prisão?
4. Como conseguiu o Bispo de Vannes tirar o prisioneiro da Bastilha?
5. Que pensas de M. Fouquet? É um ladrão ou um súbdito leal? Justifica a resposta.
6. Como é que o Bispo de Vannes levou o Rei da casa de Fouquet para a prisão?
7. Que aconteceu ao Bispo de Vannes no fim da história? Achas que foi justo?
8. No fim da história, o prisioneiro voltou para a prisão, mas desta vez obrigado a usar uma máscara de ferro. Que pensas da forma como ele foi tratado?

PALAVRAS A APRENDER

ameaçado	herdeiro	êxito	ministro
cavaleiro	festa	obstáculo	canhão
desconfiado	surdo-mudo	perfumado	tesouro público

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

Iniciativa editorial conjunta da
Radiotelevisão Portuguesa
e Editorial Publica
no âmbito do
Ano Internacional da Juventude



volumes publicados:

Alexandre Dumas **OS TRÊS MOSQUETEIROS**
Lewis Wallace **BEN HUR**
Alexandre Dumas **O MÁSCARA DE FERRO**

a publicar:

Anna Sewell **O CAVALO PRETO**
H. G. Wells **A GUERRA DOS MUNDOS**
Rudyard Kipling **LOBOS DO MAR**